O GESTO COMO PROCEDIMENTO E AÇÃO POÉTICA

STELA SOARES KUBIAKI[1]; MARTHA GOMES DE FREITAS[2]

[1]*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – stela.kubiaki@gmail.com*
[2]*Universidade Federal de Pelotas (UFPel) – marthagofre@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão é parte de minha pesquisa em poéticas visuais, vinculada ao Projeto de Pesquisa: *Estudo sobre a profundidade*, coordenado pela professora Dra. Martha Gomes de Freitas. O projeto pretende uma investigação no campo da arte através do termo profundidade, suas visualidades e possibilidades de construção de sentido para além do termo usual. Por esse viés, apresentarei aqui dois trabalhos de minha produção que me direcionam a pensar o gesto como procedimento e ação poética. Através de linguagens como a gravura e a vídeo arte, exploro movimentos de fricção (rolar, lavar e esfregar) em trabalhos que recuperam, em certa medida, o uso da água como elemento que media a produção de sentido.

O primeiro trabalho, *Marear* (2019), é uma sequência audiovisual que partiu de uma ação performativa, onde vidros e espelhos são lavados na beira da Lagoa dos Patos. O segundo, a série *Hidrografia* (2019), é constituída por um grupo de gravuras impressas em papel, onde a tinta é substituída pelo resíduo gerado na fricção de duas pedras litográficas, água e areia. A partir desses trabalhos estabeleço um diálogo com a obra *Tarefa I* (1983) de Letícia Parente, expoente da videoarte brasileira, e *Artefato* (2002) do artista visual Paulo Damé.

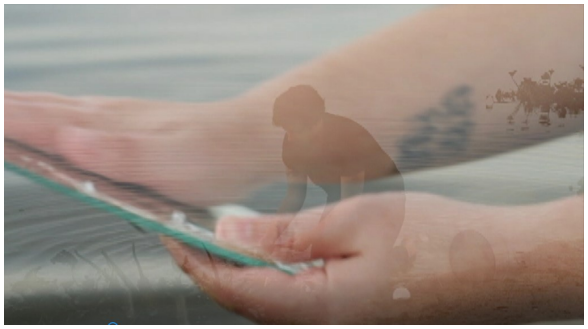
Na tentativa de explorar um percurso comum entre os trabalhos, encontro no filósofo Vilém Flusser a ponte para pensar que o gesto na arte tem finalidade em si mesmo, disposto a obedecer às suas próprias regras, acordadas entre o artista e o seu fazer. (FLUSSER, 2015) A construção desta pesquisa leva em consideração o processo realizado e a investigação que dele se coloca. As reflexões em torno de uma materialidade sempre presente (água e areia) e a percepção de um movimento ou gesto que se repete, considerando a partir disso e em conjunto com as referências, desdobramentos possíveis que convergem para um pensamento sobre a profundidade.

2. METODOLOGIA

A partir de um encontro com a Lagos dos Patos, uma das margens da cidade de Pelotas, construí o vídeo *Marear* (2019). Neste trabalho, exploro características de transparência e profundidade. Busco nestas imagens, tratar dos limites dissolvidos entre areia e água, corpo e paisagem, nitidez e opacidade. *Marear*, em seus sentidos pode vir a acompanhar um pensamento sobre o gesto de induzir movimento em função da água, bem como, estabelecer conexões com uma espécie de embaçamento.

No primeiro quadro, as imagens revelam aos poucos um espelho arredondado que está cravado na areia, sendo possível perceber um limite entre o que está dentro e o que está fora da água. A partir desse momento, um corpo feminino vai sendo incorporado ao vídeo (Figura 1), sendo quase capaz de habitar dois mundos, em virtude de uma sobreposição de cenas. Nesse sentido, encontro a profundidade pelas transparências e camadas do vídeo, como se a sobreposição redimensionasse o espaço e o tempo. Dessas imagens, o efeito de dupla exposição traz à tona uma sutil delimitação entre molhado e seco, visto que o corpo que lava os objetos, está dentro e fora d'água.

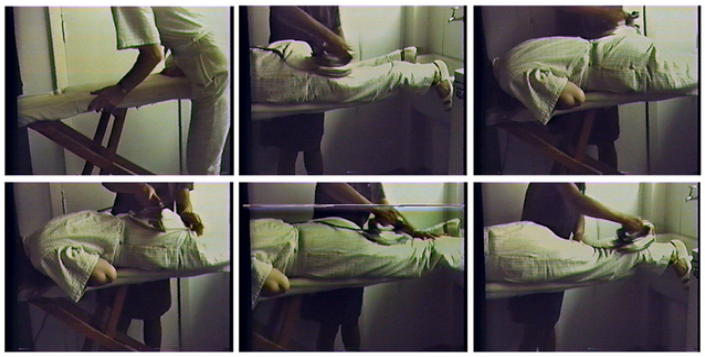
O vídeo avança em ângulo fechado, mãos que espalham areia no espelho e nos vidros. Essa proximidade pode criar uma atmosfera intimista, insinuando uma outra dimensão para o lugar. O ato de arear os objetos cria uma fricção que revela pelo som uma resistência: o enfrentamento da matéria que o constitui. O movimento circular é associado a um esforço necessário para tirar algo que não pertence ao objeto, em meu imaginário aproximo-o do gesto de lavar louça.



(Figura 1) *Marear*, 2019. **Stela Kubiaki.** Videoarte, 32".

Marear se encaminha para o final quando o processo de polimento é concluído e o último vidro é deixado ao lado dos demais, como se estivesse sido colocado para secar. O corte é ampliado, revelando a paisagem e os objetos em sua margem. O corpo se retira.

Penso que o trabalho articula um gesto que une dois aspectos. O primeiro é o procedimento de arear, friccionar e lavar, como tentativa de explorar a materialidade dos elementos utilizados. O segundo está na própria ação poética que meu procedimento articula com o entorno, com a beira da água, com a paisagem como um todo. Vem à tona neste fazer toda uma experiência de mulheres que lavam, do que veio da beira d'água e a ela retorna. Nessa perspectiva, o procedimento e a ação poética são indissociáveis.



(Figura 2)*Tarefa I*, 1983. **Letícia Parente.** Registro de performance.

Me aproximo da obra *Tarefa I* (Figura 2) de Letícia Parente a partir de uma ação poética que é revelada pelo corpo. Neste trabalho, a artista deita-se sobre uma tábua de passar, enquanto uma mulher negra passa sua roupa, seu corpo, à ferro. (PARENTE, 2008) O procedimento de passar e a ação poética se mesclam neste instante do corpo sendo desamarrotado. A artista explora as funções atribuídas ao feminino e a opressão dos papeis sociais, realizando a performance no espaço doméstico. O vídeo ocorre em plano-sequência, sendo um registro desta ação performática.

Hidrografia (2019) é uma série de gravuras em papel, onde a tinta é substituída por areia. O trabalho parte da técnica de limpeza da pedra litográfica, que consiste em depositar areia fina e água sobre sua superfície, sobrepor uma

pedra calcária e produzir movimentos circulares. *Hidrografia* (Figura 3) é resultado de um gesto que revela sua potência poética pela apropriação da limpeza da pedra. Assim, carimbo em seguida sobre papel, a superfície gráfica gerada pelo seu descolamento. A medida que as gravuras secam, a água evapora restando somente areia depositada sobre o papel, gerando uma tridimensionalidade muito sutil. A água passa a ser uma memória de movimento, evocada pelas associações entre linhas e formas.

(Figura 3) Série *Hidrografias,* 2019 – *Miragens,* 2019. **Stela Kubiaki.** Gravura. 21x29,7cm

A partir desse processo, seleciono as gravuras que correspondem a algum aspecto visual de infiltração (termo presente em minha produção) e determino grupos em função de uma aparência mais porosa ou mais líquida. Dessa seleção, nomino algumas gravuras como *Miragens* (Figura 3), estabelecendo uma conexão entre a ilusão de ver água onde existe areia. Ora mar, ora montanha, o trabalho assume uma conversa com a paisagem. A água que já não está colocada visualmente, torna indicial sua presença. Nesse sentido, penso um diálogo com o trabalho *Artefato* (Figura 4) de Paulo Damé, onde o elemento *água* não está presente, mas é parte constituinte da pedra rolada e do pensamento em torno da obra. Vejamos:

> Em *Artefato,* a estratégia foi de apropriação e deslocamento de um elemento natural, um seixo de rio, no qual foi agregado valor cultural, significado, com a gravação da palavra “água”. A escolha da palavra “água” está relacionada com a formação do seixo rolado, que é modelado por abrasão, quando movimentado pela água, junto com areia e outras pedras no leito do rio. A palavra “água” está associada diretamente à formação do seixo, é auto-referencial, dirige-se a própria coisa, volta-se para si mesma. (DAMÉ, 2008. p. 69).

(Figura 4) *Artefato*, 2002. **Paulo Damé.** Seixo rolado com inscrição em jato de areia. Dispositivo relacional.

Dessa forma, o gesto não está somente no movimento de abrasão da água para a formação da pedra, mas na inscrição da palavra de maneira a trazer o elemento como ponto de discussão. Novamente o procedimento está conectado à ação poética. Em *Artefato* ainda há um terceiro gesto, que é o de devolver a

pedra ao rio. O trabalho, portanto, acompanha uma série de movimentos construídos pelo artista, que observa e explora as relações entre os objetos e o entorno, reinserindo-os como dispositivos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O movimento circular em *Marear* estabelece uma relação entre o corpo e o objeto. De fato, se trata de um acontecimento que é mediado e materializado pela ação. Esse movimento me direciona a explorar a circularidade presente nos objetos que utilizo, nos movimentos da água com a areia, nos gestos produzidos pelas minhas mãos nesses objetos e no enfrentamento entre as materialidades do espelho, da pedra e da água.

No livro *Gestos, práticas e discursos*, a bailarina e coreógrafa Dani Lima, traz uma série de especialistas que se relacionam com o gesto. Ela entrevista-os a fim de investigar as mais variadas concepções do termo a partir de suas experiências. Uma das entrevistadas, a pesquisadora da área da comunicação Christine Greiner, ressalta que:

> (...) na leitura dos gestos há uma expectativa de que eles correspondam a significados reconhecíveis, ou então não será possível entender o que a pessoa é, ou entender o que ela conta, porque não será possível ler os seus gestos. Nós nos deparamos com isso a toda hora, numa situação artística ou numa situação cotidiana. (GREINER in LIMA, 2011, p. 196).

A partir dessa colocação, pensando a situação artística sob outra lógica, pontuo no âmbito do meu trabalho, que deslocar o gesto de seu contexto usual é o que une o procedimento à ação poética. Acredito que há uma quebra de expectativa nesta escolha que reorganiza um outro tipo de relação, reavaliando o corpo e as intenções do artista, abrindo entrelinhas de leitura.

4. CONCLUSÕES

Retorno à Villém Flusser na tentativa de investigar que o gesto pode ser o resultado de uma negociação entre o artista e o seu trabalho, bem como uma manifestação poética. Quando construo *Marear* e *Hidrografias*, meu gesto estabelece uma tentativa de dissolução pelas imagens e materiais. A partir dos meus trabalhos, encontro no desgaste uma possibilidade de pensar a profundidade a partir de um tempo redimensionado. Isso ocorre no vídeo ao transpor diferentes imagens simultaneamente. E ainda, nas gravuras, em função de uma redução, de uma perda de materialidade sutil, produzida por um rolar constante e demorado. Nas referências trazidas, bem como nos trabalhos de minha produção, reconheço um gesto insistente. Ele se estabelece na superfície, gerando uma dissolução de materialidades, ampliando relações. Considero, a partir desta pesquisa, que há no desgaste uma profundidade, mediada por um gesto que recupera o procedimento como ação poética.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMÉ, P. **Inserindo dispositivos relacionais: táticas artísticas para desacelerar.** 2007. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Artes Visuais. Mestrado em poéticas, história e teorias da arte da Universidade do Estado de Santa Catarina.

LIMA, D. **Gesto, práticas e discursos.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2013.

PARENTE, A. **Preparações e Tarefas. Letícia Parente.** São Paulo: Paço das Artes, 2008.

FLUSSER, V. **Gestos**. São Paulo: Annablume, 2015.